

## O MENINO DO GOUVEIA: ENTRE O GOZO E A LEI

Jaqueline Lupi Seabra da Silva (UFJF)<sup>1</sup>

**Resumo:** *O menino do Gouveia* (1941) é considerado o primeiro conto gay do Brasil e relata a história de Bembém, adolescente com seus treze anos, o qual deseja ser iniciado sexualmente. Este artigo tem como objetivo analisar o conto pornográfico publicado em 1941, por dois vieses principais. Em primeiro lugar, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/1990 – em que o ato sexual entre adulto e adolescente é considerado crime e, em segundo lugar, o conto pode ser analisado por um retorno à Grécia antiga em que o ato sexual entre homens mais velhos e adolescentes era considerado normal, o que permitia, portanto, a entrada desse jovem na sociedade grega adulta (BREMNER, 1995).

**Palavras-chave:** O menino do Gouveia; Sexualidade; Homossexualidade

A sexualidade é um aspecto que está presente na vida de todas as pessoas. Segundo Catherine Millot (1987) pode-se observar que já na infância há a presença de zonas erógenas no corpo infantil. Passando pelas fases da adolescência em que os hormônios se manifestam mais intensamente até a fase adulta e a terceira idade, a sexualidade está presente nas fantasias, piadas, imagens nas mídias e surge também em discussões mais sérias como a gravidez na adolescência, o aborto, a redefinição sexual dentre outros temas.

O que se tem percebido atualmente é um grande debate sobre as questões de sexualidade – em geral – e em específico, questões de gênero, muitas vezes confundida com a ideia da ideologia de gênero. A primeira teoria afirma que as identidades sexuais são construídas socialmente e culturalmente, isso quer dizer que nossas ideias pré-concebidas do que seja “homem” e “mulher”, suas características marcantes na sociedade são construídas dentro desse mesmo grupo. Já a ideologia de gênero, ao contrário, é um termo construído pela religião e se contrapõe ao que os estudos de gênero vêm pesquisando (MAIA, 2015). Diferentemente das discussões sobre o gênero, a ideologia de gênero supõe que o sujeito vai descobrir e decidir, após algum tempo, se é homem ou mulher. Percebe-se, portanto, que a discussão sobre ideologia de gênero se reflete na área

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários (UFJF), Mestre em Estudos Literários (UFJF). Contato: jaquelinezea@gmail.com. "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

educacional, trazendo grandes prejuízos ao debate sobre a sexualidade, e consequentemente, fazendo de nossa sociedade mais retrógrada e conservadora.

Como diz Ana Cristina Nascimento Givigi (MAIA, 2015), quem defende a ideologia de gênero faz uma associação entre a ideia de refletir sobre os direitos aos gêneros e a ideia de geração da pedofilia, incesto e a zoofilia na nossa sociedade. Como explica a pesquisadora, “quero dizer que pedofilia, incesto, dentre outras, são práticas humanas que são rejeitadas por contratos sociais, mas são práticas humanas, não se associam à defesa de vida aos gêneros” (2015, s/p), a associação, portanto, entre essas práticas e a defesa aos diferentes gêneros é errônea e superficial.

Se observamos empiricamente nas diversas mídias, há uma crescente notificação sobre casos de pedofilia e incesto. Desse modo, retornando aos anos de 1990, o governo promulgou o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – que veio trazer uma regulamentação para os abusos realizados contra crianças e adolescentes no Estado brasileiro. Direitos e também deveres estão contidos no Estatuto, como o direito à educação, à saúde, à proteção contra maus tratos e abusos de qualquer ordem, assim como as punições para jovens infratores.

Ao falar de adolescentes e a proteção que o Estatuto traz sobre eles, o presente artigo pretende discutir a sexualidade e, em específico, sobre a homossexualidade do jovem Bembém, protagonista do conto *O menino do Gouveia* (2017) que será analisado. Ao mesmo tempo que se fará um breve histórico sobre a homossexualidade, o conto será analisado por dois vieses principais: a ideia de rito de iniciação do jovem grego e o Estatuto que vem proteger e, porque não dizer, tornar as crianças e adolescentes como seres totalmente assexuados.

### **Breve histórico sobre a homossexualidade**

Para fins deste artigo, destacam-se três momentos principais em relação a homossexualidade: o pecado, o crime e a doença. Esses três aspectos, negativos, estão presentes na vida de muitos homens que possuem a orientação homossexual. Quando retornamos à subida da burguesia ao poder, acontece uma moralização na sexualidade a qual não havia antes: se antes as bobagens sexuais eram vistas por todos, agora o quarto dos pais era o local propício para o “crescei-vos e multiplicai-vos”, o casal hétero, portanto, torna-se o padrão a ser seguido (BÍBLIA, 1969; FOUCAULT, 2014). Aqueles que não seguem o padrão são discriminados e sofre muitas vezes violência física, moral,

sexual até o assassinato, além da orientação diferenciada levar o indivíduo ao suicídio devido mesmo a pressão da sociedade (FOUCAULT, 2014; MOTT, 2003).

O aspecto *pecado* está relacionado à Bíblia Sagrada judaico/cristã. Exortações sobre a abominação de homens deitarem-se com homens encontram-se no livro de Levítico, fazendo com que se possa desprender a ideia de que a conduta sexual humana é naturalmente, heterossexual. Desse modo, Andrew Sullivan (1996) aponta que “de fato, na Bíblia [...] há apenas um punhado de injunções contra atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo, como uma clara perversão ou desvio da atividade central da sexualidade humana, que é o intercuro marital macho-fêmea” (p. 30). E, ainda segundo Sullivan (1996), ser homossexual é se posicionar contra a própria ordem do universo e sob a proteção da Igreja Católica Romana, essa visão proibicionista está por trás das leis que refletem esse ponto de vista (veto ao casamento civil, por exemplo).

O segundo aspecto que se destaca é o *crime*<sup>2</sup>. O caso mais conhecido em relação ao crime de “ser homossexual” foi o que levou Oscar Wilde, escritor britânico, para a cadeia. A. L. Rowse (1981), ao contar a vida de homossexuais durante um bom recorte da História, aponta que o caso Wilde se tornou uma hipocrisia inglesa:

O próprio Macaulay pensava “que não existia espetáculo mais ridículo que o do povo britânico envolvido em uma dessas lutas periódicas em prol da salvaguarda da moral”. A época vitoriana finalizaria com um dos mais grotescos escândalos desse tipo – se não fosse por suas trágicas consequências! – o caso Wilde, que converteu ao público britânico no faz me rir de toda Europa, e acabou convencendo ao continente da realidade da *hipocrisia inglesa* (ROWSE, 1981, p. 183, grifo do autor, tradução nossa).

Através da citação, pode-se inferir o motivo do deboche: as pessoas que mais perseguiram a moralidade, era tão ou mais propensas a “escândalos” do que o próprio Wilde. Portanto, segundo João Silvério Trevisan (1986) “ser homossexual significa automaticamente ser criminoso” (p. 115).

Já no caso brasileiro, nos anos de 1940, o Código Penal foi escrito com um capítulo específico versando sobre o homossexualismo. O artigo 258 apontava que atos libidinosos entre homens seriam reprimidos quando causassem escândalo público. Esse artigo não foi introduzido no Código, mas aqueles delinquentes “homo” de certas classes

---

<sup>2</sup> A Índia descriminalizou a homossexualidade agora no ano de 2018. Para maiores detalhes, acessar a notícia em <https://oglobo.globo.com/sociedade/india-descriminaliza-homossexualidade-em-decisao-historica-23044423>

sociais eram encaminhados para o Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações de São Paulo, onde a medicina se encarregava de pesquisar sobre as origens (sociais e biológicas) da homossexualidade (FRY, 1991; TREVISAN, 1987).

O terceiro aspecto que se deve apontar é a relação entre homossexualidade e *doença*. Existe muita controvérsia no que tange a semântica das palavras homossexualidade e homossexualismo: qual termo seria o “politicamente correto”? Acredita-se que o sufixo *ismo* traz a ideia de patologia, o que liga a homossexualidade a doença, desse modo, o ideal seria usar o termo homossexualidade em detrimento a homossexualismo. No idô século XIX surge tanto na Europa quanto no Brasil, uma preocupação da área médica em se curar a homossexualidade, são os médicos, portanto, que a transformam em doença (FRY, 1991; TREVISAN, 1987). Como os especialistas diriam: “para os invertidos, tratamento; disso é que eles precisam. Que se deixe ao médico e ao educador a cura dos males orgânicos e psíquicos, *porque são eles os competentes*” (apud TREVISAN, 1987, p. 113, grifo do autor).

Diante desses três aspectos, destaca-se um status negativo acerca da homossexualidade. No que se refere aos adolescentes gays, a temática gira em torno da alta taxa de suicídio de jovens que se defrontam com uma sociedade preconceituosa e a relação entre homens mais velhos e mais novos também está vinculada a aspectos negativos, aqui surge o termo pederasta – palavra de origem grega que significa então, a relação entre homens mais velhos com mais novos, em extensão, homossexual masculino (MOTT, 2003). No próximo tópico, o debate girará em torno da lógica da iniciação – o gozo – e o Estatuto da Criança e do Adolescente – o que se denomina a lei neste trabalho.

### **Entre o gozo e a lei**

Para fins deste artigo, é necessário que o leitor compreenda a narrativa. O conto *O menino do Gouveia* (1941) narra a história de Bembém, um adolescente dos seus quatorze anos. Depois do sexo e ainda entre carícias, Bembém conta para Capadócio Maluco, seu amante, as picantes aventuras sexuais, as quais deixaram o amante mais excitado. O rapaz relata então que tinha muita vontade de fazer sexo com o tio, sempre o observava na cama com a tia. Um certo dia, apareceu frente ao tio e pediu o pediu que o iniciasse, mas o tio recusou e o rapaz praticamente foi expulso de casa. Então, quando estava na rua, um homem maduro – o Gouveia – se aproximou e começou a conversar. Logo os dois estariam no quarto e o rapaz, finalmente, conseguira o que desejava, sua

iniciação: “o Gouveia ergueu-se, foi a um armário e trouxe uma garrafa dum magnífico Moscatel e dois copos para, segundo ele dizia, celebrar a minha iniciação no batalhão de Cupido” (MALUCO, p. 42).

Como mencionamos anteriormente, a pederastia – palavra que carrega um teor negativo, muitas vezes é confundida com pedofilia – se trata da relação entre adultos com crianças, expressão que pode se relacionar tanto a homossexuais quanto a pessoas com orientação heterossexual e, segundo Mott (2003) “[...] o tabu e a repressão às relações sexuais entre adultos e jovens se escoram em dois preconceitos: que sexo tem idade certa e legal para começar e que toda relação entre alguém mais velho e alguém mais jovem implica necessariamente violência e opressão” (p. 79). Isso posto, é necessário voltar a Grécia antiga para entendermos o relacionamento entre homens mais velhos e os jovens.

Jan Bremmer (1995) relata que a palavra homossexualismo não surge antes da metade do século XIX. Isso significa que o termo brota no período em que a medicina encara o homossexualismo cujo campo a psicopatologia sexual deveria estudar. Ao voltar a Grécia antiga, o autor aponta que diferente do que entendemos hoje sobre a homossexualidade moderna, na Grécia havia a relação entre homens mais velhos e adolescentes para que esses entrassem na vida adulta daquela comunidade, portanto, esse relacionamento era um rito de iniciação: “ora, demonstração de *status* e posição social é exatamente o que esperaríamos encontrar em ritos de iniciação. Esses ritos devem socializar o adolescente e mostrar a ele sua (baixa!) posição social no mundo dos adultos (BREMNER, 1995, p. 25, grifo do autor).

Quanto se volta ao presente, no contexto brasileiro, há hoje o Estatuto da Criança e do Adolescente, que em seu artigo 241 – E fica vedado o sexo explícito real ou simulado que envolva crianças e adolescentes, sendo, segundo o próprio documento, adolescentes aqueles com idade entre doze e dezoito anos. Na nova edição da editora *O sexo da palavra*, a força do estatuto incide sobre as fotos que ilustram o texto: rapazes nus aparecem com os rostos e os genitais vedados por uma faixa preta.

Por outro lado, o conto em si responde a um ideal de iniciação sexual em que os dois parceiros se doam, respeitam e sentem prazer um com outro. Bembém é o sujeito que vive plenamente sua sexualidade. O rapaz é representado como um ser sexual, que resplandece e dá vazão ao seu desejo, diferentemente da concepção que o próprio

Estatuto tem ao tratar adolescentes como seres assexuados, percebe-se, portanto, o teor desconstrucionista do conto.

De forma geral, *O menino do Gouveia* (2017) se aproxima à lógica grega no que tange a iniciação sexual. Não há nenhum tipo de violência no encontro amoroso entre os dois e Gouveia é o homem adulto que com um “longuíssimo beijo e depois num terno chupão” faz a felicidade sexual do jovem. E a descrição segue quando Bembém fala de como “é saboroso um beijo de homem sorvido assim lábio a lábio!” e que a relação sexual foi uma “verdadeira ternura” (p. 40-41). Bembém continua a descrição, contando ao Capadócio que o moscatel foi servido para “celebrar a minha iniciação no batalhão de Cupido” (p. 42) e que aquele foi um “[...] doce momento!” (p. 44).

A vivência amorosa e sexual está presente no cotidiano dos adolescentes brasileiros, o que pode ser observado, por exemplo, nas escolas. Mas ainda há um longo caminho para dialogar com os jovens sobre a sexualidade, já que impera um silêncio diante desse assunto, Maria America Ungaretti (2009) corrobora com essa ideia quando diz que:

[...] mesmo reconhecendo que no Brasil as crianças e os adolescentes têm sexualidade e vivem relações de afetividade, a discussão sobre o exercício de sua sexualidade encontra ainda muitas interdições, permeadas de tabus, preconceitos, discriminações, violações ou não realização de direitos (p. 82).

### **Considerações finais**

A violência sexual, psicológica e física, além da “saída” do suicídio (MOTT, 2003) é um mal enraizado em nossa sociedade machista, misógina e homofóbica. Bembém conta sua história para o Capadócio<sup>3</sup> Maluco e faz sexo com ele enquanto narra, Gouveia também é o adulto carinhoso que abre o caminho para uma saudável vivência sexual para o rapaz. Desse modo, ambos, lidos pela lente do Estatuto da Criança e do Adolescente, respeitam o artigo 17 que diz: “o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade e da autonomia.”

---

<sup>3</sup> Capadócio era um termo usado no Brasil para designar aquele que era charlatão, trapaceiro. Interessante a escolha do autor em nomear um personagem homossexual.

O conto ainda permite muitas leituras que não foram feitas neste trabalho: a questão do humor presente no texto e, principalmente, o estudo das palavras chulas que Bembém pronuncia enquanto narra sua história. É preciso dizer ainda que em um conto erótico como *O menino do Gouveia* (2017) é natural que se encontre palavras obscenas e com isso, não há aqui um julgamento negativo a respeito do uso – ou não – dessas palavras.

Para finalizar, o conto desconstrói a ideia de que adolescentes são seres assexuados e, principalmente, traz a ideia do relacionamento entre pessoas mais velhas e mais jovens como algo natural e saudável, ato esse tão condenado pela sociedade atual. O conto demonstra também que é possível existir relacionamentos entre homens – jovens e adultos – em que o carinho, o respeito e a empatia estejam presentes. É o que se deseja, portanto, para todos os relacionamentos, independentes se hétero ou homo.

### Referências

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada:** Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente:** Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BREMMER, Jam. Pederastia grega e homossexualismo moderno. In: \_\_\_\_\_ (org.). **De Safo a Sade:** Momentos da história da sexualidade. Tradução Cid Knipel Moreira. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995, p. 7-26.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MAIA, Pedro. **Gênero é uma construção.** Disponível em <  
[https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/05-07-2015/genero-e-uma-  
construcao.html](https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/05-07-2015/genero-e-uma-construcao.html)> Acesso em: 15 jun. 2018.

MALUCO, Capadócio. **O menino do Gouveia.** Uberlândia (MG): O sexo da palavra, 2017.

MILLOT, Catherine. **Freud antipedagogo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987.

MOTT, Luiz R.B. **Crônicas de um gay assumido.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

ROWSE, A. L. **Homosexuales en la historia:** un estudio sobre la ambivalencia en la sociedad, la literatura y las artes. Barcelona: Planeta, 1981.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal:** uma discussão sobre o homossexualismo. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal:** uma discussão sobre o homossexualismo. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso.** São Paulo: Max Limonad, 1986.

UNGARETTI, Maria America. Fluxos operacionais devidos – instrumento para aprimoramento do sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente no contexto dos direitos humanos. In: **Enlaçando Sexualidades.** MESSENDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antônio Matos (orgs.). Salvador: EDUNEB, 2009. v. 1. p.71-96.